

ELEMENTOS PARA UMA RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E “NATUREZA HUMANA” NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

NICOLLE ELOISA LEMOS¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²;

¹ Universidade Federal de Pelotas – nicolle.elo@outlook.com 1

² Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

Pretendemos, nesta comunicação, apresentar uma possível relação entre História e “natureza humana”¹ na filosofia de Friedrich Nietzsche. Para isso, primeiramente iremos investigar como o filósofo comprehende o conhecimento histórico para apreendermos a concepção de História da qual Nietzsche opera em seus projetos investigativos. Por fim, nos posicionaremos acerca do debate entre os intérpretes de língua inglesa, Richard Schacht e Brian Leiter, sobre as especificidades do naturalismo nietzschiano.

Aos dezessete anos de idade, Nietzsche escreveu o texto “Fado e História” (1862), reconhecido como o seu primeiro trabalho filosófico. Neste texto, de uma forma embrionária, o filósofo tratou de vários temas que perduraram por toda sua vida filosófica. Um desses temas é a História, ou melhor, para que “serve” a História e a o que deve estar articulada². Advertindo sobre a necessidade de um estudo “mais livre” sobre o cristianismo, Nietzsche observa que tal estudo é obra de toda uma vida e que seus fundamentos devem ser apenas a História e as Ciências Naturais, para não se perder em “especulações estéreis”, pois assim como “o costume é produto de um tempo, uma direção do espírito, também a moral é o resultado de uma evolução geral da humanidade” (Fado e História, 2017, p. 154)³.

Em *Humano, demasiado humano* (1878), livro da emancipação de Nietzsche da filosofia de Schopenhauer e da música de Wagner, o filósofo apresenta sua filosofia histórica em contraposição à filosofia metafísica, que prioriza o vir-a-ser em relação ao ser e o sentido histórico⁴ em relação ao suprahistórico. Se com

¹ O uso de aspas tem o intuito de demonstrar o cuidado com a especificidade que o termo natureza humana deve ser entendido na filosofia nietzschiana, que aborda a constituição fisiopsicológica do ser humano em sua filosofia madura, e não mais dualista, a saber, apolínea e dionisíaca nos seus escritos da juventude ou como certa tradição filosófica do século XVIII.

² Em seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia* (1872), Nietzsche investiga a cultura grega partindo de uma articulação entre História e Filologia e identifica um renascimento da tragédia grega na cultura alemã. Sua *Segunda Consideração Extemporânea* (1874), parte das três modalidades de História a fim de expressar como o conhecimento histórico pode estar ou não a serviço da vida. Em *Humano, demasiado humano* (1878), Nietzsche irá “manter e aprofundar o projeto de uma historicização e naturalização radical da vida humana e de seus produtos enquanto meio de solapar a interpretação metafísica do homem e do mundo” (PAOLIELLO, 2009, p. 122). Na *Genealogia da Moral* (1887), o filósofo articula a História, a Fisiologia e a Psicologia a fim de investigar a procedência e o valor dos valores morais.

³ O texto *Fado e História* do qual retiramos essa citação encontra-se como um apêndice do livro *Genealogia da Moral*. Para citarmos a *Genealogia*, usaremos a seguinte abreviatura (GM).

⁴ Itapirica, preocupado em dissolver a possível contradição na filosofia de Nietzsche em relação ao sentido histórico, demonstrou que no primeiro período de Nietzsche, principalmente partindo da segunda extemporânea sobre a utilidade e desvantagem da história para vida, o filósofo teve como adversário o historicismo de matriz hegeliana, e sua crítica ao sentido histórico consiste sobre a pretensão de objetividade e imparcialidade, ao seu determinismo que acabaria com todo incentivo à ação e à realização humanas. No seu segundo período, o elogio ao sentido histórico

dezessete anos de idade, o filósofo já atentava sobre a necessidade da união da História com as Ciências Naturais para um método mais preciso, é neste livro que Nietzsche apresenta esse método que irá empregar em todas as suas investigações. Principalmente, articulando a História e a Psicologia que *Humano* configura-se como a obra que tem como grande objeto o homem⁵. Ora, se a concepção de homem antes partia do *defeito hereditário de todos os filósofos*, isto é, a crença de que ao analisar o homem atual seria possível ter um medida segura sobre o que é o homem, como se o mesmo fosse uma *aeterna veritas* (verdade eterna), Nietzsche propõe que historicizemos o homem, apresentando uma *antropologia filosófica* diferente da tradição metafísica. Portanto, a partir de *Humano* o filosofar histórico se tornou doravante necessário na filosofia de Nietzsche, uma vez que o filósofo buscou já nesta obra reconstruir a história dos sentimentos morais, inaugurando um estudo histórico para além dos acontecimentos políticos e sociais. Contudo, é na *Genealogia da Moral* (1887) que Nietzsche irá aprofundar essa investigação, partindo de uma articulação entre a História, a Psicologia e a Fisiologia.

Durante suas investigações na *Genealogia*, Nietzsche passa a caracterizar a moral judaico-cristã como antinatureza e reconstrói os processos que modificaram a natureza do homem, como o surgimento da memória. O objetivo do presente trabalho consiste, portanto, em analisar a relação entre História e natureza humana, ou melhor, como Nietzsche utiliza a História para revelar as antinaturezas e como os processos históricos foram determinantes para a caracterização da natureza humana. Além desse objetivo, acreditamos que ao analisarmos a utilização da história nos processos investigativos de Nietzsche, estaremos contribuindo para o debate contemporâneo sobre o tipo de naturalismo que o filósofo se enquadra.

2. METODOLOGIA

Para a efetividade da presente pesquisa, utilizaremos uma metodologia de caráter bibliográfico, partindo de uma exegese minuciosa dos textos nietzschianos referentes à questão da História. Por isso, em um primeiro momento analisaremos a *Segunda Consideração Extemporânea* em que Nietzsche, ao analisar os três tipos de história (monumental, antiquária e crítica), expõe as possibilidades e impossibilidades do conhecimento histórico. Feito isso, iremos comparar as possíveis conclusões desse primeiro momento com o tipo de História que o filósofo opera em a *Genealogia da Moral*. Posteriormente, iremos investigar como o filósofo articula a História para retirar às máscaras das antinaturezas, isto é, a moral judaico-cristã e como os processos históricos foram determinantes para a constituição da complexidade da natureza humana. Por fim, ao delimitarmos o uso da história feita por Nietzsche, iremos nos interpor no debate entre os intérpretes nietzschianos de língua inglesa, Richard Schacht e Brian Leiter, a fim de contribuirmos para um melhor entendimento do naturalismo nietzschiano.

repousa no seu caráter desmistificador e antimetafísico. O sentido histórico criticado na segunda extemporânea e o sentido histórico como necessário em *Humano* não se trata, portanto, do “mesmo” sentido histórico. (ITAPIRICA, 2005, p. 87)

⁵ Em uma carta de 1878 endereçada a Richard Wagner e Cosima, Nietzsche revela que o livro *Humano, demasiado humano* expressa os seus sentimentos mais íntimos acerca do homem e das coisas. (NASSER, 2016, p. 49)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com essa pesquisa, há, a nosso ver, três questões que fazem a história ser tão cara a Nietzsche, quando o mesmo investiga o homem. A primeira consiste no fato de que algumas características do homem são resultados de processos históricos, não sendo características inalteráveis do homem, como outrora se pensava, mas sim incorporadas em certos períodos históricos. E mais, que algumas delas, aliás, apresentam-se como antinaturezas, ou seja, não só não estão de acordo com a nossa natureza, como atuam para anular ela. A segunda configura-se na concepção de que a natureza humana é histórica, ou seja, que as características fundamentais que os homens partilham atualmente se desenvolveram historicamente, como, por exemplo, a faculdade de cognição. Isto significa que a natureza humana jamais será fixa, mas sim, que poderá sofrer alterações como já ocorreu no passado humano. E em terceiro lugar, se é possível demonstrar que certas características foram incorporadas, podemos então, abandoná-las ou ressignificá-las, para construirmos outro tipo de homem e sociedade, que na filosofia de Nietzsche, parte da naturalização do homem a partir da criação de valores naturalistas.

Se conseguirmos demonstrar a importância da utilização da História nos processos investigativos de Nietzsche, estaremos de acordo com Richard Schacht de que o naturalismo nietzschiano engloba tanto as Ciências Naturais, especificamente a Fisiologia e a Psicologia, e vai para além destas, preocupando-se com processos sociais e culturais da História da humanidade, em contraposição ao tipo de naturalismo científico-natural e causal-determinista que Brian Leiter defende.

Nietzsche inicia a *Genealogia da Moral* com um certo tipo de desabafo: “Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos?” (GM Prólogo, 1). A nosso ver, a *Genealogia* é a grande obra de Nietzsche que propõe o reencontro do homem consigo mesmo, da “redescoberta” da origem de suas características mais atuais e fundamentais, pois “onde estiver o teu tesouro, estará também o seu coração”. Desse modo, com alguma educação histórica e filológica, juntamente com inato senso seletivo em questões psicológicas, o filósofo nos apresenta algumas hipóteses sobre a procedência da moral. Mas, antes de adentrarmos nas investigações históricas de Nietzsche, torna-se necessário uma investigação de como o filósofo comprehende a história enquanto seu caráter epistemológico. Para tal tarefa, recorreremos primeiramente a *Segunda Consideração Extemporânea*, em que Nietzsche se preocupou com a utilidade e desvantagem da História para a vida.

4. CONCLUSÕES

Partindo do fato que a presente pesquisa está articulada com um projeto maior, a saber, uma dissertação de mestrado em andamento, só há a possibilidade de apresentar conclusões parciais. Desse modo, o que pretendemos demonstrar é a importância que a História teve na filosofia de Nietzsche, quando se trata de uma natureza humana, pois foi em seu filosofar histórico que o filósofo viu a oportunidade de desconstruir as “verdades eternas” sobre o homem, como também, de reconstruir os processos que culminaram no homem atual. Além disso, ao enfatizar essa importância que a História teve nos projetos investigativos de Nietzsche, iremos contribuir para o debate contemporâneo sobre as

especificidades do naturalismo nietzschiano. Por fim, entendemos que, antes de analisarmos as investigações históricas do filósofo, torna-se necessária uma análise de como o mesmo comprehende a História enquanto seu caráter epistemológico, para apreendermos o “tipo” de História que o filósofo opera em a *Genealogia da Moral*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I – OBRAS DE F.W. NIETZSCHE

NIETZSCHE, F. W. Fado e história. **Genealogia da moral**, São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.153-158.

_____. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

_____. **Segunda consideração extemporânea**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Singular Digital, 2003.

_____. **Humano demasiado Humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Genealogia da Moral**: um escrito polêmico. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

II – OBRAS DE COMENTADORES DE NIETZSCHE

ARALDI, C. L. **Nietzsche: do niilismo ao naturalismo na moral**. Pelotas: NEPFIL online, 2013.

ITAPARICA, A. L. M. Nietzsche e o sentido histórico. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v.19. p. 79-100, 2005.

LIMA, M. J. S. Nietzsche e a história: o problema da objetividade e do sentido histórico. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 30, p. 159-181, 2012.

NASSER, E. Os livros publicados por Nietzsche: Humano, demasiado humano. In: MARTON, S. (Ed.^a). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 46-50.

PAOLIELLO, G. D. **Nietzsche como pensador da história: crítica e apologia do pensamento histórico na filosofia de Friedrich Nietzsche**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais.

SCHACHT, R. O naturalismo de Nietzsche. Tradução de Olímpio Pimenta. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v.1, n. 29, p. 35-75, 2011.